

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

## Ibero-americanismo

Eis o pompôso título de um novo engôdo com que pretendem captivar-nos os nossos visinhos espanhóis, cujos olhares cubiçosos não se afastam nem um momento do nosso lindo Portugal.

Não se contentam já com o rico peixe que descaradamente pescam nas nossas águas como se foram as suas próprias.

As suas ambições vão muito mais longe.

Há tempos para cá não tem faltado ocasião de verificarmos que a Espanha tem um grande empenho em estender a sua soberania ao longo das costas do Atlantico, donde partiram os arrojados navegadores que em frágeis bateis descobriram terras ignoradas e fizeram Portugal grande.

A pretexto de tudo e de nada surgem intrevistas afirmando sufismado interesse de concorrer para o nosso bem estar. Mas, como de *Espanha nem bom vento, nem bom casamento*, as promessas fagueiras dos nossos vizinhos não logram demover-nos da suspeita com que temos sempre de acolher as suas intenções aparentemente desinteressadas.

Podem apregoar-nos as relevantes vantagens práticas da sua nova invenção; podem dizer-nos que ela é a ideia redentora que há-de salvar o mundo. Isso não nos interessa. Somos um País livre, que sabe, pode e quer administrar-se sem a tutela de ninguém. Vivemos livres, queremos continuar a viver livres.

O ibero-americanismo será em teoria uma coisa encantadora e inteiramente inofensiva para nós, mas se prescudarmos o seu fundo, se atendermos ao que vimos lendo e ouvindo a cada momento; se apreciarmos com serenidade determinados actos e certos gestos muito significativos, chegamos imediatamente à conclusão rial de que a pretensa fórmula de reciproca defêsa e geral garantia não passa de uma bem urdida cilada, em que dentro de pouco teríamos de arrependêr-nos dolorosamente de ter caído.

Evitemos o mal enquanto é tempo. Não nos deixemos seduzir por lisongeiros promettimentos, por generosas ofertas que são o cântico da sereia para nos atrair ao abismo que nos há-de sepultar.

Nenhuma animadversão, nenhuma má vontade, temos contra os espanhóis, nem contra os americanos. Quer uns quer outros são povos que merecem a nossa simpatia e dignos de tratarem connosco e nós com êles na melhor harmonia. Porém cada um deve ficar na sua casa a tratar de si como melhor lhe aprouver. Pelo menos para nós, portugueses, é preciso que assim seja.

Se a pretensa fórmula de entendimentos agrada e convem à Espanha e à América, formem o espano-americanismo que em nada nos interesse.

Ibero-americanismo não, nunca. Portugal é livre, Portugal saberá continuar a sua gloriosa história. Os seus filhos, descendentes de heróis valerosos que em todos os tempos souberam dar exemplo ao mundo inteiro, saberão defender a Pátria querida e gritar bem alto — Portugal é só para os portugueses —.

## O Bandarra

O Bandarra, o celebrado sapateiro que meteu Jeremias num sapato, não nos deixou só, como por aí dizem, profecias. Bandarra, espírito agudo como o bisegre do seu officio, inteligência translúcida como o cabedal dos seus remontes, tombo autêntica na arte de pensar, deixou-nos também saborosos pensamentos, salutáres conselhos, que a tradução escrita nos lega e que eu, por intermédio de alma caridosa, vou dar à publicidade. Creio que faço bem, creio até que cumpro um dever, o dever de ensinar os ignorantes. Claro que os leitores não exigirão que lhes dê de assentada conhecimento de todo o legado do inclito antepassado. Nem isso podia ser. Vamos de vagar, mesmo porque os pergaminhos em que escreveu Bandarra (nêsse tempo só havia papel moeda) estão a pouco safados e detiorados, a ponto de, embora o insigne pensador escrevesse com os dedos, eu ter de me servir do telescópio para os decifrar. Assim, iremos por partes, descabido não me parecendo trazer para aqui, à guisa de prólogo, a noticia de como Bandarra se resolveu a dar ao pergaminho a confiança das suas congeminações cerebrais. E' já pujante prova do talento transbordante do finado e refinado sapateiro, precursor dos vidões das escrituras sagradas, avô da nobilíssima pleiada de pitonizas, que na nossa terra, à falta de outras e de policia, pontificam e fundam a ordem vigarista das mulheres de virtude, que dêle herdaram os prodígios da cartomância, da nigromância e quejandas sapiências estranhas ao sublimado génio grêgo. Nesta ordem de ideias devo dizer que Bandarra nos legou volumosa obra escrita, não para inglez ver, mas para a posteridade. Parte dela está em pergaminho, a restante encontrando-se dispersa nos jornais da época, "A Voz" e "O Século", a propósito vindo a aclaração de que desde então, nunca mais o primeiro deixou de profetizar a pena de engorgimento político dos povos e o segundo se deu a vaticinar uma confiscação dos bens dos... outros. E' da primeira parte que vamos ocupar-nos, não só por ser a mais útil, mas, sobretudo, por não tratar de políticos, assim fugindo ao lápis da censura.

Argutíssimo Bandarra, que previdente, escreveu para todos os paladares! Bandarra escrevia por desfastio. Como Mahomet, Bandarra preferia a arenga. Arengava ao som da viola e os outros que escrevessem, se quisessem; mas,

## ADULADORES

Eu abomino a vil adulação,  
Sempre na boca alvar de vis-traidores.  
Com a pomada e escôva d'ambição,  
São, d'officio, venais engraxadores.

Hervadas setas são os seus louvores,  
Nascidos da vampirica ambição  
Com que escondidamente, — e qual ladrão —  
Andam pescando int'resões e favores.

Mentiroso aprazível, mercenário,  
O adulador é um pérfido e um falsário,  
Veremos proprivando em áurea taça...

Perseguidor audaz, é um parázita,  
A quem a sêde de negócio incita...  
— Mas de gatuno e d'intrusão não passa!

ARRÓIO.

como só êle sabia escrever, acabou por se resolver a falar com a mão direita e a escrever com a esquerda (sic: in perg. n.º IV). Foi por isso que algumas vezes escreveu torto e mal e é daí que a muitos dos nossos literatos veio a pecha de escrever torto, mesmo com linhas direitas. Próximo da morte, Bandarra mandou abrir um pôço e aí guardou a sua sabedoria, isto é, os seus pergaminhos, donde a expressão pôço de sabedoria. Tapado este, só tarde, muito tarde, dois séculos antes do dilúvio, é que se descobriu o precioso achado, o mágico tesoiro, a estrela de alva do conhecimento humano. Foi Diogenes — cabe-lhe essa honra — que descobriu, quando, ao meio dia e com a candeia acêsa, procurava um amigo. Este Diogenes, um patusco que não atendeu o apêlo de "O Século", nada quer dizer, a pergaminhada a um seu parente, e êste que é meu visinho, vendeu-ma por um pinto de prata. E aí tem Vocelências como eu me acho na posse dos sapientes restos de Bandarra. Um achado, o acaso, ou lá como queiram. E agora vamos a traduzir o Bandarra. Previno o respeitável que não siga a ordem cronológica, nem qualquer outra, neste meu trabalho e, deste modo, irei traduzindo conforme os fragmentos da obra me vierem à mão. Nesta conformidade principio:

### Pergaminho n.º IX

Da maneira mais fácil de matar pulgas

Aqui convém um esclarecimento. E' sabido que as raças definhavam. Haja em vista a raça humana. As pulgas desse tempo eram, pelo menos, como os burros,

ou como as burras de hoje. Dez pulgas numa cama matavam um homem. Mathusalem viveu mais de 300 anos por não ter pulgas. Daí o interesse que Bandarra votou ao assunto. Adeante:

Da maneira mais fácil de matar pulgas. Eis a receita, fala Bandarra, que me livrou da morte certa, várias vezes. Conhecida a preferência que esta espécie de Kangurús dá ao sangue humano, basta que façamos e disponhamos na cama, ao deitar, uns centos de pastilhas com 1 metro de diâmetro e com êstes ingredientes:

R.  
Oleo de ricino . . . . . 10 cântaros  
Carne de condenado à morte. 10 kilos  
Sangue do dito, destilado. . 10 postas  
Uma e 99 iguais numa caixinha.

Para enganar o mamífero, convem pôr aos pés da cama, em lugar bem visível, o seguinte letreiro:

### Pastilhas de sangue humano

Modo de operar:

Estendem-se as pastilhas na cama e entre elas deita-se o paciente. Dentro em pouco, as pulgas acodem e engodadas pelo letreiro, atiram-se às pastilhas. E' um ar que lhes dá. O oleo de ricino opera, correm para a retrête. Neste entretanto, muda-se a cama para outro quarto, fecha-se a gente por dentro e dorme à vontade. E' a melhor receita que conheço. Há também quem use na cama o letreiro "Confiscação", mas não vale nada; a pulga está tão fina como a alta finança: já não vai com ameaças, não vai pela razão simples de que se dá com a pulga o contrábrio do que se dá com a libra em ocasião de empréstimo.

Pela cópia

A \*\*\*

